

Recalcamento

Romilson Martins de Matos^{1*}, Roger de Lucca², Marcelo Oliveira¹, Wilton Souza Cruz¹,
¹Discente do Curso de Psicologia do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior - ITES -
*email: romilsonmatos@outlook.com, ² Docente do Instituto Taquaritinguense de Ensino Superior
– ITES, pesquisador da FCLAR UNESP Araraquara/SP.

O recalque é considerado o mecanismo de defesa mais antigo e importante retratado por Freud. Este conceito remete à noção de inconsciente sendo um processo, através do qual se expulsa da consciência o representante ideativo de uma pulsão, ou seja, é uma ação para manter fora da consciência as representações inaceitáveis (BERGERET, 2006). Freud (1915) aponta que o recalque tem um caráter móvel, exige gasto de energia constante, uma vez que o recalque exerce uma pressão contínua para tornar-se consciente. Para o autor acima citado, o fator econômico é fundamental no recalque, pois, a quantidade de catexia é que determinará se o derivado deve permanecer inconsciente ou não. Assim, o enfraquecimento do que é desprazeroso pode substituir o recalque. Em relação ao fator quantitativo, o representante da pulsão pode sujeitar-se a três destinos possíveis: ou é suprimido, ou aparece como um afeto qualquer ou é modificado em angústia. Neste último caso, segundo Freud (1915) há a falha do recalque, na medida em que não consegue atingir seu objetivo principal: evitar o desprazer. Freud (1915) ainda afirma que o recalque é um mecanismo defensivo que não está presente desde o princípio, mas, que pode aparecer quando houver uma cisão acentuada entre a atividade mental consciente e a inconsciente. Freud (1915) distingue três fases no processo de recalque. São elas: a fixação, o recalque propriamente dito e o retorno do recalque. Na primeira fase, a da fixação ou inscrição, Freud denominou recalque originário. Desta fase, origina-se o inconsciente. Ela procede e dá condições necessárias para todo recalque e é o mecanismo segundo o qual a pulsão é inibida em seu desenvolvimento, permanecendo fixada num estágio infantil, mantendo-se inconsciente. A segunda fase, a do recalque secundário ou recalque propriamente dito, é constituída por um processo essencialmente ativo, diferente do recalque primário, que é de natureza mais passiva. Esta fase é o efeito do conflito entre o sistema inconsciente e o sistema pré-consciente-consciente, sendo exercido a partir deste último, ele afeta os derivados mentais do representante recalque, ou sucessões de pensamentos que, originando-se em outra parte, tenham entrado em ligação associativa com ele. A terceira fase, o retorno do recalque, implica uma regressão do desenvolvimento libidinal ao ponto de fixação e o que retorna o faz de maneira distorcida. Segundo Bergeret (2006) o retorno do recalque pode consistir ou em uma simples “escapada” do processo de recalque, válvula de escape funcional e útil (sonho, fantasias), ou em uma forma às vezes já menos anódina (lapsos, atos falhos), ou, ainda, em manifestações francamente patológicas de fracasso real do recalque (sintomas). O recalque foi considerado por Freud como a pedra angular que sustenta toda a estrutura da psicanálise.

Palavras-chave: Freud; mecanismo de defesa; psicanálise

Referências bibliográficas

BERGERET, J. **O problema das defesas**. In: Bergeret, J. [et al.]. [Psicopatologia](#): teoria e clínica. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FREUD, S. (1915). **O Recalque**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.